

artes cênicas



Crítica

Antonio Hohlfeldt

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Caio na voz de Deborah: reafirmação da vida

É bem provável que se venha publicando Caio Fernando Abreu muito mais depois de sua morte do que durante sua vida. Certamente, se tem lido o autor muito mais hoje em dia do que ao tempo de sua vida. Há um mistério nos escritos de Caio de que, ao assistir ao espetáculo de Deborah Finocchiaro e Luís Arthur Nunes, me dei conta. Houve um tempo, até mais ou menos a Renascença, ou pouco depois dela, que a literatura era para ser lida em voz alta. A literatura era quase que um ofício público. Mas então surge a forma narrativa romanesca, a mulher começa a se alfabetizar, rompendo as proibições de ser uma leitora, e até mesmo um espaço específico para a sua leitura - e um móvel, para que ela se sentasse durante a leitura - surgiram nos ambientes das casas. E a literatura começou a ser lida em voz baixa, de maneira individual. E assim tem sido até hoje, salvo, em alguns casos muito específicos, em que o texto, embora escrito na intimidade e na solidão do gabinete do escritor, como que grita a plenos pulmões para ser lido em voz alta.

Caio Fernando Abreu, durante a maior parte de sua vida, de certo modo, foi obrigado a sussurrar e a expressar-se em voz baixa. Seus escritos, contudo, transformaram-se, para ele, no veículo de seu grito. Era através da literatura que Caio verdadeiramente se expressava. Daí que seus textos imploram para serem lidos em voz alta. Isso fica evidente a partir deste espetáculo de Luís Arthur Nunes/Deborah Finocchiaro. E daí o acerto e a imensa recepção que o espetáculo *Caio do céu* tem alcançado, nesta sua primeira semana de estreia, entre todos aqueles que o tem assistido e que, tocados pela emoção e a sensibilidade do escritor, concretizada na extraordinária interpretação de Deborah: o texto ganha vida, se completa - eu diria quase que o texto como que efetivamente (re)nasce quando ganha volume e movimento através da interpretação de Deborah Finocchiaro.

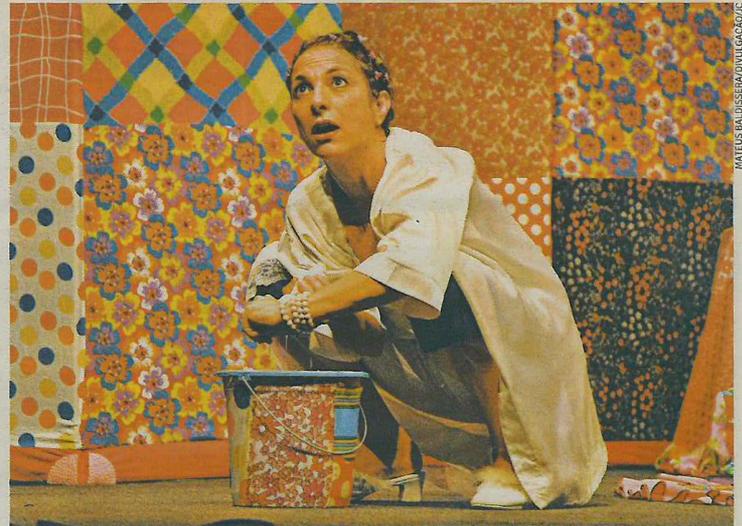
Há muitos modos de se dar vida a

textos literários. A opção de Nunes e de Deborah foi inteligente e sensível: viajaram basicamente entre crônicas, poemas e alguma correspondência. Concentraram-se na produção mais recente, quero dizer, naquela produção surgida depois de o escritor saber da doença. Isso levou-o, de certo modo, a atravessar a fronteira entre o que se permitia dizer e o que calava. A partir daquele momento, Caio Fernando Abreu entendeu que não deveria calar nada mais. A escolha dos textos para a composição deste espetáculo parece seguir esta linha e, por isso, longe de ser um ritual de nostalgia e memória, é sobretudo um exercício de presentificação e de festejamento à vida. Observe-se, sobretudo, a parte final do espetáculo.

Deborah Finocchiaro está soberba. Reparte o palco com o músico Fernando Sessé que, obviamente, não é um ator, mas é seu (excelente) companheiro de viagem (plagiando uma passagem em que a atriz contracena com Marcelo Adams, em vídeo). O espetáculo, assim, de pouco mais de uma hora de duração, não se constitui em uma homenagem, mas em uma (re)descoberta, de modo que a palavra de Caio, através da fala de Deborah, reafirma sua força e ganha presença física, efetiva, junto à plateia que, por isso mesmo, se sente tocada e reage, emocionada.

Eis um espetáculo que tem todos os méritos, mas o maior deles é o equilíbrio. Nada está de mais, nada está de menos. E está tão introjetado pela equipe e, em especial, pela atriz, que mesmo quando o microfone falhou, sua voz afirmou-se junto ao público, sem nenhuma dificuldade.

O Porto Verão Alegre, em sua 18ª edição começou com o pé direito. Para quem não pode ou não puder assistir a este espetáculo agora, recomendo, vivamente, que o anote em sua agenda. Ele é simplesmente imperdível, porque é uma celebração à arte teatral e à sensibilidade de sermos humanos.



Pois é vizinha participa desde a primeira edição do Porto Verão Alegre

Clássicos do teatro

Montagens já conhecidas do grande público integram o Porto Verão Alegre neste fim de semana. Um delas é *Bailei na curva*. Mais de 30 anos após a sua estreia, com renovações no elenco, o espetáculo dirigido por Julio Conte continua lotando plateias. Estreada no antigo Teatro do Ipê, tinha no grupo original o próprio Conte, mais Flávio Bicca Rocha, Márcia do Canto, Lúcia Serpa, Hermes Mancilha, Regina Goulart, Cláudia Accurso e Cláudio Cruz.

O espetáculo mostra a trajetória de crianças, vizinhas da mesma rua, na cidade de Porto Alegre, durante o período de 1960 a 1980. A peça está em cartaz no Teatro São Pedro (Praça Mal. Deodoro, s/nº), com sessões na sexta-feira e sábado, às 21h, e domingo, às 20h.

Também integra a programação *Pois é vizinha*, de Deborah Finocchiaro. O espetáculo estreou oficialmente em 1993 nos palcos gaúchos. A peça toca em um assunto importante: a violência contra a mulher.

Adaptado do texto *Una Donna Sola*, do casal de dramaturgos italianos Franca Rame e Dario Fo, conta a história de Maria, uma dona de casa trancafiada em casa pelo marido. Um dia ela se depara com uma vizinha do prédio em frente e desabafa com a mulher.

A peça esteve em todas as edições do Porto Verão Alegre. A montagem ocorre de sexta-feira (com tradução em Libras) a domingo, às 21h, no Centro Histórico-Cultural Santa Casa (Independência, 75). Os ingressos custam entre R\$ 20,00 e R\$ 40,00.

em cartaz

► **23ª Mostra de Dança Verão:** apresenta mais de 100 coreografias dos principais grupos da cidade. No Teatro Renascença (Erico Veríssimo, 307), de sexta a domingo, às 20h. R\$ 20,00.

► **Besteirol, a comédia! Ou tem drag queen no funk!:** com Claudio Benevenga e Lauro Ramalho. No Teatro do Sesc (Alberto Bins, 665), sexta-feira e sábado, às 20h. Entre R\$ 20,00 e R\$ 40,00. Porto Verão Alegre.

► **Missão Água:** do Depósito de Teatro. Na Praça Leonel Pereira, em Tramandaí, domingo, às 18h. Entrada Franca.

► **Musicais a la carte:** direção geral de Cíntia Ferrer. No Teatro de Arena, sexta-feira, às 21h. Entre R\$ 20,00 e R\$ 40,00. Porto Verão Alegre.

► **Cris Pereira ponto show:** direção de Gerson Ribas. No Teatro da Amrigris

(Piranga, 5.311), de sexta-feira a domingo, às 21h. Entre R\$ 20,00 e R\$ 40,00. Porto Verão Alegre.

► **Lua de mel em Buenos Aires, A mulher crucificada, O beijo da besta:** da Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela. Na sala 505 da Usina do Gasômetro (João Goulart, 551), no sábado, às 21h. Até 11/2. R\$ 30,00.

► **Ossos - no fucking life on mars:** trabalho de conclusão do Curso de Formação de Atores/2016 da Casa de Teatro de Porto Alegre. No Teatro do Museu do Trabalho (Andradas, 230), de domingo a domingo (22/1), sempre às 21h. R\$ 25,00.

► **Teatro Zé Rodrigues:** A verdadeira história dos três porquinhos (domingo, às 16h30min); Toy Story (domingo, 18h). Ingressos a R\$ 35,00.

viver.

Publicação do
Jornal do Comércio
de Porto Alegre

Editor-chefe: Pedro Maciel
Secretário de Redação: Guilherme Kolling
Editor de Cultura: Cristiano Vieira
Editora-assistente: Caroline da Silva
Projeto gráfico: Juliano Bruni
cultura@jornaldocomercio.com.br
Av. João Pessoa, 1282 | Fone: 3213-1367